

Individualidade

Mais uma vez, peço a meus leitores assíduos que me perdoem por ter que repetir parte da história que relatei em textos anteriores desta coluna, para poder contextualizar o tema que estou abordando. Se isso não for feito, o leitor que não acompanha regularmente essas publicações poderá não compreender o que está sendo descrito.

Na história que venho narrando, descrevi a situação criada pelo personagem Pedro que, devido a seu comportamento agressivo, fez com que Maria, sua noiva, desistisse do noivado. Talvez, ele tenha perdido a grande oportunidade de sua vida de tornar-se uma pessoa socialmente bem ajustada. Antes disso, ele havia sido preso em Portugal sob a acusação de ter abusado sexualmente de uma menina. Essa acusação não o levou à condenação, porque não é fácil provar o abuso sexual infantil, dada a fragilidade e incerteza das declarações de uma criança. De forma geral, a condenação só é viabilizada quando o abusador é denunciado por mais de uma vítima. Por isso, as crianças e os adolescentes não devem desistir de denunciá-los, pois os indivíduos com esse tipo de comportamento não costumam fazer apenas uma vítima.

Ao voltar para o Brasil, Pedro exigiu que Maria reassumisse seu compromisso com ele, não dando a ela qualquer opção. E ela, devido a uma série de contingências que envolviam sua família e os pais de Pedro, além de sentimentos de responsabilidade, culpa e medo, acabou ficando noiva de Pedro. A decisão de ficar com Pedro, estava fazendo Maria sofrer muito, mas ela havia dito a sua amiga Corina, que achava que devia honrar seu compromisso.

A situação mudou completamente para Maria, depois que Pedro a agrediu violentamente. Ela parece ter arranjado uma coragem sem igual, ela perdeu o medo e já não se sentia mais obrigada “a honrar seu compromisso”, visto que ele demonstrou não a respeitar de forma alguma. Pedro, por sua vez, mostrou o quanto era individualista, o quanto só ele importa a ele mesmo.

Os sentimentos de Maria eram como os que destaquei na edição passada dessa coluna, por meio do poema “Culpada sou eu” de Cleide Canton Garcia (<http://www.paginapoeticadecleidecanton.com/culpadasoueu.htm>). A culpa que Maria sentia era que ela não havia conseguido fazer Pedro “enxergar a grandeza de ser e verdadeiramente amar”. Estou repetindo parte dos versos da poetisa Cleide porque as palavras dela nos chamam a atenção para o aspecto oposto ao que eu quero destacar, que é supervalorização da individualidade feita por pessoas que se comportam como Pedro.

Preservar a individualidade pode parecer uma forma apropriada de se resguardar e de se libertar, pois uma pessoa individualista, autocentrada e que tem um bom autoconhecimento parece estar protegida: a privacidade pode ser o nosso refúgio mais seguro: “um espaço sem os perigos e as feiúras de ‘lá fora’, sem a variabilidade e instabilidade assustadoras; um espaço acolhedor, estável e placidamente harmonioso”, conforme destacou a Profa. Dra. Tereza Maria A. P. Sérgio em uma análise crítica à busca do autoconhecimento. Em sua análise, ela pondera sobre os riscos de um extremismo, citando um trecho do livro “O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade”, de Richard Sennett, em que o autor destaca os perigos da individualidade, afirmando que “Multidões de pessoas estão agora preocupadas, mais do que nunca, apenas com as histórias de suas próprias vidas e com suas emoções particulares; esta preocupação tem se demonstrado ser mais uma armadilha do que uma libertação” (Sennett, 1988, p. 16).

Por que uma armadilha? Podemos perguntar.

A resposta é curtiinha, mas extremamente complexa: porque a nossa subjetividade, a nossa individualidade e o nosso autoconhecimento são socialmente constituídos.

O autoconhecimento só é adquirido por meio do outro. O que nos permite afirmar que a nossa subjetividade é a mais social de todas as nossas características. Ao nos afastarmos do social, ao destruirmos o espaço público em nossas vidas, “poderemos até desfrutar de todos os nossos sentimentos e de nossas emoções, mas teremos perdido a consciência disso. Centrados no autoconhecimento teremos dado um grande passo na direção da desumanização” (Sério, 1997, p. 215).

O autoconhecimento é um produto da nossa vida em sociedade. A comunidade na qual vivemos nos dá a oportunidade para desenvolvermos autoconhecimento, porque ela se beneficia com a descrição do que estamos sentindo e com as informações de quais são as nossas intenções. Escrevi sobre esse tema com um pouco mais de detalhes em um dos artigos anteriores desta coluna (Como aprendemos a nos autoconhecer?), que pode ser acessado em meu site pessoal (www.uel.br/pessoal/haydu).

O que quero destacar é que “a grandeza de ser e verdadeiramente amar” não é viável quando há egoísmo e um falso sentimento de liberdade que individualidade propicia.

Sennett, Richard. **O Declínio do Homem Público: as tiranias da intimidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.

Sério, T. M. A. P. (1997). A concepção de homem e a busca de autoconhecimento: onde está o problema? In: Banaco, R. A. (Org.). **Sobre Comportamento e Cognição**: questões teóricas, metodológicas e de formação em análise do comportamento e terapia cognitivista. v. 1 São Paulo: ARBytes.

Verônica Bender Haydu
Professora da Universidade Estadual de Londrina
Doutora em Psicologia pela Universidade de São Paulo